

Versão Online ISBN 978-85-8015-054-4
Cadernos PDE

VOLUME I

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE 2009

TRADIÇÃO E INOVAÇÃO DO HAICAI NO PARANÁ: uma abordagem teórico-prática sobre poesia e natureza

Autora: *Aparecida Fátima da Cruz*¹

Orientador: *Antonio Donizeti da Cruz*²

Resumo

O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que teve como propósito sensibilizar os alunos na leitura e fruição de poemas, tendo em vista o despertar para a poesia, especialmente – o *haikai* (poema de origem japonesa, constituído de três versos, tradicionalmente composto por cinco, sete e cinco sílabas, derivado do *renga* – série de poemas encadeados – ou variação do *tanka*, poema nipônico de trinta e uma sílabas), pois essa forma poética tende a despertar nos leitores a percepção, concentração, reflexão mediante a expressão escrita. O estudo consiste em informações culturais sobre o Japão, reflexões sobre a arte oriental, bem como sobre poetas japoneses como Bashô, que viveu no século XVII e que influenciou poetas no Japão e no Ocidente. Os haicais e haigas ajudam no processo de aprendizagem porque apresentam uma construção textual simples, provocando uma reflexão em seus apreciadores: como intuição, meditação, autoconhecimento, comunicação e o gosto estético. Enfatiza-se a relevância da poesia (haicais e haigas), tendo em vista despertar no aluno o interesse pela abordagem teórica (pesquisa) e também em relação à prática (produção de haigas, utilizando-se a técnica da fotografia).

Palavras-chave: Haikai; Haigas; Japão; Literatura do Paraná; Natureza

TRADITION AND INNOVATION OF HAIKU IN PARANÁ: a theoretical-practical approach about poetry and nature

¹ Professora do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE – 2009/2010, com atuação no Colégio Estadual “Diamante D’Oeste”, NRE de Toledo. Especialização em “Processo do Ensino-Aprendizagem da Literatura Luso-Brasileira” e “Língua Portuguesa: Teoria & Prática”. Graduação em Letras-Português.

² Orientador e Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutorado em Letras – Literatura Brasileira pela UFRGS e pós-doutorado pela PUC-Rio; ministra aulas no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Linguagem e Sociedade (Campus de Cascavel) e na Graduação (Letras – Campus de Marechal Cândido Rondon).

Abstract

This work presents results of a research aiming to sensitive students for reading and the fruition of poems, by arousing interest to poetry specially – Haiku (poem of Japanese origin constituted of three verses, traditionally composed by sound unit counts of five, seven and five, derived from *renga* – stanza linked poems – or *tanka* variation, a Nippon poem of thirty and one sound units) since that poetic formation motivates the readers' perception, concentration, reflection upon the writing ability. The study consist of cultural information about Japan, reflections about Orient Art, as well as about some Japanese authors such as Bashô, who lived in the XVII century and has influenced poets in Japan and in the Occident. *Haiku* and *haigas* can help the learning process because they present a simple textual construction, causing some reflection on the students when appreciate them, as intuition, meditation, self-knowledge, communication and aesthetic likes. We emphasized the relevance of poetry (*Haiku* and *haigas*), searching for the development of the student's interest by the theoretical approach (research) and also relating to the practice (production of *haigas*, using the technique of photography).

Key-words: Haiku, Haiga; Japan; Literature of Paraná; Nature.

Introdução

A escola é um local privilegiado para o exercício do ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, em que o educando pode ganhar autonomia para efetivar suas reflexões na produção de textos. A convivência com textos poéticos – versos e poemas curtos – é fundamental para que os alunos consigam ler, compreender, entender, interpretar, relacionar, analisar, deduzir, fazer apreciações e críticas pertinentes. Para facilitar ainda mais a sintonia com a comunicação, meditação, intuição, a expressão e gosto estético.

Selecionar situações criativas e inovadoras é essencial para uma aprendizagem bem-sucedida, além de fortalecer a confiança de todos na própria capacidade de aprender e serem críticos. De acordo com as *Diretrizes Curriculares para Educação Básica do Paraná – Língua portuguesa* (PARANÁ, 2008), “textos curtos, com densidade poética são instrumentos poderosos para sensibilizar o aluno”, na leitura e fruição de poemas, bem como na (re)descoberta de diferentes

formas de poemas, tendo em vista o despertar para a poesia.

Um dos grandes desafios na Educação é a formação de leitores capazes de ler, compreender e, acima de tudo, interpretar as palavras e o mundo. O ensino da Língua Portuguesa e da Literatura focaliza a necessidade de oportunizar aos alunos subsídios para ampliar o domínio da linguagem, aprendizagem essencial para o exercício da cidadania. O contato com textos literários, como os haicais, despertam a capacidade de pensamento crítico, a sensibilidade dos alunos e estimulam a curiosidade de conhecer o mundo através da literatura, bem como a constituição de um espaço ideológico que possibilita a expansão lúdica de um trabalho realizado com as práticas da oralidade, leitura e escrita.

Percebe-se a necessidade de uma maior valorização sobre a poesia em sala de aula, buscando-se a confluência da prática e reflexão teórica, de forma interativa entre os professores e alunos.

Pressupostos teóricos

Os princípios teóricos que norteiam o trabalho com a poesia do haikai estão pautados na concepção sociointeracionista da linguagem. Na concepção de Bakhtin, a linguagem é uma interação entre os indivíduos numa prática social.

É através da linguagem que o homem interage com os demais, amplia seus horizontes e compreende o contexto social do qual está inserido. De acordo com as *Diretrizes Curriculares*, de Língua Portuguesa (PARANÁ, 2008), o trabalho pedagógico com a linguagem verbal traz uma nova abordagem para o ensino da língua e literatura:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, para seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolavelmente no todo do enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente, é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos

gêneros do discurso. (BAKHTIN 1992, p. 279 *apud* PARANÁ, 2008, p. 52).

Ainda de acordo com as *Diretrizes Curriculares* (PARANÁ, 2008), o ensino da literatura é a partir dos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito que tem em vista a formação de um leitor que seja capaz de dar sentido ao texto. A poesia permite o encontro do leitor consigo mesmo e com os outros, com o objetivo de um posicionamento de maneira reflexiva e propiciando o crescimento intelectual do leitor para sua autonomia na expressão do pensamento.

A leitura de um poema apresenta-se como um processo de interação entre leitor e o poeta, ou seja, um procedimento dialógico, voltado para a produção de novos conhecimentos que armazenamos, incluindo o conhecimento linguístico, modelos cognitivos globais, conceitos, fatos generalizados e episódios cotidianos provenientes da experiência de cada indivíduo.

Octavio Paz observa que, geralmente, o poeta fala de suas coisas, de seu mundo, mesmo falando do mundo dos outros, assim declara:

O poeta não escapa à história, inclusive quando a nega ou a ignora. Suas experiências mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais ou históricas. Ao mesmo tempo, e com essas mesmas palavras, o poeta diz outra coisa: revela o homem. (PAZ, 2006, p. 55).

Nas palavras de Paz, “o haiku não é poesia escrita – ou, mais exatamente, desenhada – como é também poesia vivida, experiência poética recriada.” (2006, p. 165). Para o poeta, as palavras tem o poder de representar o momento, de realizar a poesia, a concretização de um momento capaz de (re)inventar mundos imaginários. A poesia consiste na busca memorável das palavras e na concretização de um fazer poético, que é a própria expressão verbal.

Toda a produção do poeta é sempre o resultado do meio social, inserido num contexto histórico do qual faz parte, projetando, assim, suas ideias, sentimentos e emoções. Conforme Salvatore D’Onofrio, “na literatura, a poesia universal sempre fez uso dos símbolos através de metáforas, imagens, analogias, que exprimem de modo figurativo ideias e sentimentos do poeta.” (1990, p. 404).

Ao tratar da obra literária, Bakhtin afirma que

[...] a contemporaneidade conserva sua importância decisiva: sem ela não existiria obra em si mesma. A obra literária revela-se, principalmente, na unidade diferenciada da cultura da época de sua criação, mas não se pode aprisioná-la dentro dessa época: sua plenitude apenas mostra-se tão somente na grande temporalidade. (BAKHTIN, 1997, p. 366).

O teórico Lubomír Doležel (1990) salienta que a linguagem poética é um fator indispensável na “criação de mundos ficcionais”, e está aberta à “imaginação criativa”, com o propósito de inovar e com a capacidade de “alargar o universo dos mundos imaginários”, o mundo imaginário está presente na poética contemporânea. Segundo Doležel,

Na criação de mundos ficcionais radicalmente novos – os mundos do *Wunderbare* -, o poder de inovar tem de aliar-se ao poder evocativo. A um nível mais geral, Breitinger atribui à “inovação” um lugar central no sistema da poética – o estatuto de uma forma poética independente. Numa de suas gestões mais originais, Breitinger adianta que enquanto a imaginação é o poder que permite a criação de mundos, a inovação é a geradora de prazer estético. (DOLEZEL, 1990, p. 81).

No que diz respeito à criação poética, o poema nunca está completo, depende sempre de um leitor para que ele seja vivenciado e completado: o leitor recria o instante, revive sua experiência do real, é a imagem reproduzida no momento da percepção que leva o leitor imaginar recordações de sua experiência com o cotidiano. A emoção sentida pelo autor deve sugerir ao leitor um novo sentir dessa emoção, para que ele possa compreender o poema.

O haicai – de origem japonesa – é um poema breve, conciso, de apenas 17 sílabas, que é composto de três versos. O primeiro é composto de cinco sílabas, o segundo de sete e o terceiro de cinco. Os versos não possuem rimas, também não há necessidade de título. Sua forma é simples, porém é rica na mensagem, leva a uma profunda reflexão. Cabe aos leitores dar sentido ao que aparece nas entrelinhas. O haicai registra o instante, um momento vivenciado na natureza, cuja evocação é feita por um termo da estação do ano (kigo), cada uma das estações transmite uma determinada emoção, isto é, fala das coisas concretas.

No dizer de Oldegar Franco Vieira, o importante no *haikai* é o aspecto evocativo, isto é, “Nos *haicais* a causa material, a palavra dita se resume num conteúdo de dezessete sílabas – o essencial - o indispensável para a composição do elemento evocativo. Evocação: eis o elemento fundamental dos *haicais*.” (VIEIRA, 1940 *apud* PIRES, 1984).

Olga Savary diz que o haikai “busca a representação do mundo real, justificando-se como uma forma de vida, como uma religião, acelerando assim a sua anexação à existência, às coisas, aos sentimentos e ações.” (SAVARY, 1989 *apud* VENTURELLI, 1991, p. 26). Uma poesia que sugere a contemplação, despertando para a emoção estética, e esta poesia nos dá a possibilidade de uma descrição da realidade, da intuição nem sempre completa e sim, deixando o leitor refletir livremente e despertando a sensibilidade do espírito, pois ele tem uma ligação profunda com o budismo *zen*.

A poesia do Japão: o haikai

O povo japonês escreve muita poesia, independentemente da sua posição social. Nas palavras de Delores Pires, “no Japão, escrever poesia chega a se tornar uma preocupação da sociedade.” (1984, p. 14). E acrescenta:

Lá, desde o imperador até o mais humilde homem do povo, todos escrevem haikai. A superprodução da poesia no país das cerejeiras é um fenômeno muito mais assombroso que a superprodução econômica. Por exemplo: o Imperador Meiji, que viveu no século passado, produziu em toda sua vida mais de 100.000 poemas. E para superintender a produção poética, em certa época, foi criado o Ministério da Poesia. (VIEIRA, 1940, p. 14 *apud* PIRES, 1984, p. 14).

Os Japoneses herdaram muito da cultura chinesa, com a chegada do budismo, que atravessou a península da Coréia, no ano 600 da nossa era, adotando a escrita chinesa (letra ou ideograma da dinastia Kan), caracteres chineses que chamam de “Kan-ji”. As primeiras produções literárias no Japão foram compostas por cantos de guerra, elegias ou canções líricas. Posteriormente, surgem as

primeiras antologias da poesia imperiais dos séculos X e XII, que constava de duas espécies de poemas: os *naga-uta* ou *chôka* (poemas longos) e os *tankas* (poemas curtos). Após esse período arcaico, surge a primeira grande coletânea o “NANYOSHU” da poesia nipônica, composta por 4.170 tankas e 60 poemas denominados *Sedôkas*, nos quais se percebe a influência chinesa.

A poesia clássica predominante no Japão era o *waka*, que designava toda a poesia japonesa por oposição à chinesa. O *waka* também é sinônimo de *tanka*. *Waka* ou *Tanka* é um poema composto por cinco versos divididos em duas estrofes, uma de três linhas e outra de duas, que forma dois conjuntos de versos em que o primeiro é chamado de *hokku*, e o segundo, *agéku*. As primeiras composições de *tanka* (*waka*) eram compostas por uma única pessoa. A seguir, um exemplo de uma composição de *tanka*:

Mesmo um homem sem coração
Não deixa de perceber
A melancólica beleza:
A narceja voando do pântano
No fim de uma tarde de outono.

Saigyô (1118–1190)
(FRANCHETTI et al., 1990, p. 11)

Com o passar do tempo, a composição de *tanka* – por ser um poema mais erudito, de técnica mais exigente e pela sua estrutura dual, passaram a ser escritos em duplas, em que o primeiro compunha os três primeiros versos e o segundo poeta completava o poema com os dois versos finais – começou a ser feita por pessoas diferentes, sendo uma das atividades do salão da aristocracia medieval.

Para uma compreensão aprofundada do haikai, temos que ter claro o poema *Tanka*, do qual deu origem ao haikai:

Observe-se um *tanka*:

Cheio de saudades,
Vou encontrar minha amada:
Na noite de inverno
O vento do rio é gelado
E gritam as aves noturnas.

Ki no Tsurayuki (868–945)
(FRANCHETTI et al, 1990, p. 11)

Nos *tankas* mais antigos a divisão estrófica era indiferente, entre o segundo e o terceiro ou entre o terceiro e o quarto versos. “[...] na primeira estrofe, alguém se dirigia a outrem, e na segunda vem a resposta da pessoa interpelada, É um diálogo poético que se caracteriza pela nota jocosa [...]” (VIEIRA, 1989, p. 11). Essa composição dialogada no *tanka* denominou-se *renga*.

A seguir, um *renga* clássico composto por Sôgi e seus discípulos Shohaku e Sôcho:

Fim de tarde: Ainda há neve e as encostas da montanha Estão cobertas de névoa.	
	Sôgi
As águas correm pra longe, Junto à aldeia perfumada de ameixeiras.	
	Shohaku
Na brisa do rio, Um grupo de salgueiros – A primavera se mostra!	
	Sôcho
No despertar da madrugada, O claro ruído de um barco.	
	Sôgi
Talvez a lua Ainda esteja no céu Todo coberto de bruma.	
	Shohaku
A geada cai sobre o campo: O outono chega ao fim. (...)	
	Sôcho

(FRANCHETTI et al, 1990, p. 13-14)

Mais tarde é que o *tanka* se tornou um poema clássico, temos um terceto de 5-7-5, e um dístico de 7-7. Composto por duas pessoas, sendo que uma delas escrevia os três primeiros versos, e uma outra os dois versos restantes. É importante essa observação para compreender o surgimento do haicai ou haiku. Haicai como parte maior do *tanka*.

Minha velha aldeia
Sob as folhas vermelhas caídas
Aos poucos vai desaparecendo:
 Nas samambaias do beiral
 Como sopra o vento do outono!

Minamoto no Toshiyori (1055–1129)
(FRANCHETTI et al., 1990, p. 11)

Foi no século XIII que houve a separação da *waka*, desprendido do *renga* haikai, tornando um poema solto, completo, autônomo, integral, que nem título era necessário, a origem de uma nova unidade poética chamada de *haiku*, composta de haikai, e *hokku*, “O *hai-kai* nasce do desinteresse pelo *renga* [...] menor que o *tanka*, simplificação deste, veio a dominar as letras nipônicas, a partir do século XVI.” (VIEIRA, 1989, p. 5).

Segundo Svanascini (1974), no haikai abaixo, o poeta Musunaga Teitoku sugere que a beleza da lua numa noite de outono é muito fascinante para a contemplação, pois tem a necessidade da sesta. É considerado um belo haikai com o tema da lua:

Para todos os homens
Eis aqui a semente da sesta:
Lua de outono.

Musunaga Teitoku (1563–1645)
(SVANASCINI, 1974, p. 21).

Com a evolução do *waka*, iniciou um novo tipo de poesia, com o nome de *renga* (poema em sequência), sucessão de *tankas*, formado por uma série de poemas encadeados. Depois, ocorreu uma mudança do *renga* tradicional que era uma estética aristocrática, para o *renga* haikai, mais popular e com uma linguagem da burguesia urbana. Ao ser referir ao *renga*, Octavio Paz salienta que,

[...] a partir do século XVI, uma modalidade engenhosa, satírica e coloquial. Esse gênero se chamou *haikai no renga*. O primeiro poema da sequência se chama *hokku*, e quando o *renga haikai* se dividiu em unidades soltas – seguindo assim a lei da separação, reunião, e separação que parece reger a poesia japonesa – a nova unidade poética se chamou *haiku*, composto de *haikai* ou *hokku*. A mudança do *renga* tradicional, regido por uma estética

severa e aristocrática, para o *renga haikai*, popular e humorístico, se deve principalmente aos poetas Arakida Morikate (1473-1549) e Yamazaki Sokan (1465-1553). (PAZ, 1991, p. 198-199).

Octavio Paz (1991) exemplifica este novo estilo rápido e contrastante do poeta Arakida Moritake, com o seguinte haikai:

Noite de verão:
o sol a pino acordado,
cerro as pálpebras.
Arakida Moritake (1473–1549)
(PAZ, 1991, p. 199)

Para Octavio Paz, o haikai, bem como o tanka, são duas formas de composição clássica da arte japonesa que revelam momentos “tensos e transparentes”, isto é, “instantes de equilíbrio entre vida e morte. Vivacidade: mortalidade.” (PAZ, 1991, p. 198).

O universo de Bashô

Matsuó Bashô nasceu em Ueno (atualmente Tóquio), província de Iga, em 1644. Foi o maior representante do haikai no Japão. Sua poesia buscava uma visão ascética do mundo, resultado de sua vivência profunda com a filosofia zen budista.

Segundo Vieira (1989), foi Bashô que privilegiou e popularizou o *haika*, tendo contato com o zen-budismo, formou-se um espírito filosófico e dedicava seus dias à contemplação. De família de samurais agricultores, aos 23 anos abandonou o campo para se dedicar às letras, tornando-se um mestre insuperável do haikai. Sua vida foi dedicada às viagens e ao haikai.

Bashô assimilou os valores da casta dos samurais, que era o braço armado de uma classe dominante, da nobreza feudal do Japão medieval. Tornando-se um guerreiro, místico e artista de uma poesia formal com toda a herança de uma cultural oriental. E também assimilando uma complexa ideologia, com base no

confucionismo e no budismo com sua manifestação zen.

Octavio Paz afirma que Bashô não rompe com a tradição, mas de uma maneira especial, segue-a; ou como diz Bashô: “Não sigo o caminho dos antigos: busco o que eles buscaram.” (BASHÔ *apud* PAZ, 2006, p.156). Assim, o poeta japonês utilizando as formas populares de sua geração, da qual não mudou as regras, simplesmente transformou seu sentido e expressou o mesmo sentimento da poesia clássica. O haikai de Bashô apresenta uma linguagem coloquial nova, mais livre e também o momento privilegiado: o instante poético.

Para Bashô, a poesia é um caminho para uma espécie de beatitude instantânea, que não exclui a ironia nem significa fechar os olhos ao mundo e seus horrores. O haikai na compreensão do grande mestre não comportaria o termo belo-horrível. “O belo-horrível não passa de uma perversão emotiva do homem ocidental que desconhece os ensinamentos do budismo.” (PIMENTEL, 2002, p. 14). A partir dessa reflexão, pode-se dizer que a poesia do mestre é um exercício espiritual, a calma, a tranquilidade é um elemento essencial para que a arte seja uma expressão do equilíbrio interior do homem.

O poeta busca meios novos de expressão, visando sempre à captação do instante fugaz. Como mestre conseguiu atingir uma absoluta contemplação do mundo, uma vez que sua real dimensão não pode ser revelada na análise de seus poemas, pois consiste grande parte na influência de sua concepção de vida e de poesia, isto é, seus poemas resultam de um pensamento religioso sincrético.

Segundo Paulo Leminski, Bashô foi grande estudioso, bilíngue, leu os clássicos chineses e japoneses. Da China, os filósofos e os poetas da dinastia Tang e Sung. Do Japão, a vasta lírica, “remontando à primeira antologia nipônica, a aristocrática coleção de poemas ancestrais, conhecida como ‘Manyôshu’ (Bashô: ‘o haikai é o coração do Manyôshu’). E – certamente – o repertório do teatro Nô.” (LEMINSKI, 1983, p. 24, grifos do autor).

Falecido em 12 de outubro de 1694, em Osaka, Bashô foi sepultado no jardim do templo Yoshinaka, tendo como homenagem em seu túmulo um pé de bananeira, (“bashô”: bananeira, em japonês), daí o pseudônimo poético de Bashô.

Deixou muitos escritos em prosa e verso. O diário era um gênero muito antigo e popular na literatura japonesa e em voga na época. Bashô escreveu cinco diários de viagem, permeados de haicais. O mais conhecido dos diários de suas viagens, um clássico absoluto “Ôku no Hosomichi”, traduzido por Octavio Paz, com o nome

de “Sendas de Ôku”.

Alguns haicais de Bashô relacionados à natureza, que constam da obra *Mestres do haikai* (1974), de Osvaldo Svanascini:

O azeite da minha lâmpada
Consumido. Na noite,
Pela minha janela, a lua.

Este caminho:
Sem ninguém nele,
Escuridão de outono...

O crepúsculo:
Ervas que seguem
As marcas dos rebanhos voltando.

Canto e morte
Da cigarra,
Na mesma paisagem.

Entre Sado
E o mar agitado:
A Via Láctea.

(Bashô. In: SVANASCINI, 1974, p. 35-37)

Outros haikaístas que seguiram a tradição de Bashô

Taniguchi Buson (1715 – 1785) incorporou ao haikai um romantismo maior, foi o poeta do amor e também valorizou a natureza. Foi também um importante pintor que soube usar o espaço. Escreveu mais de dois mil haicais, nos quais revela uma perfeição, tais como os seguintes haicais:

Chuva de primavera:
Na carruagem compartilhada
Minha bem amada suspira.

Menina muda
Convertida em mulher
Já se perfuma.

Capulhos na pereira
E uma mulher à luz da lua
Lendo uma carta.

A cerejeira florida desapareceu:
Convertida em templo
Entre as árvores.

Um rouxinol!...
E na hora do jantar
A família reunida.

(Buson, In. SVANASCINI, 1974, p. 45-49)

Kobayashi Issa (1763 – 1827) – um dos poetas mais admirado do Japão – foi uma pessoa simples, filho de agricultor, e teve uma vida marcada por tragédias. Poeta com uma grande capacidade em transmitir a pureza dos sentimentos numa relação entre a existência humana e a natureza.

Quando eu morrer,
Vem guardar minha tumba
Oh grilo!

Pelo dia e por minha vida
O sino tange. Eu sei e amo
A frescura do crepúsculo!

Na velha casa
Que abandonei
As cerejeiras florescem.

O sermão no caminho,
Ninguém entende nada,
Porém, tudo revela a paz primaveril.

Dores deste mundo:
Tal como quando florescem as flores
Apesar delas!

(Issa, In. SVANASCINI, 1974, 57-60)

Os poetas Bashô, Buson e Issa foram mestres do *haikai-renga*, e que o haikai isolado não era objeto de suas reflexões. Foi com Masaoka Shiki (1867 – 1902) que o haikai passou a ser considerada uma forma literária, tal como o soneto no Ocidente. Shiki foi o criador do termo *haiku*. A esse respeito, Paulo Franchetti afirma:

Vivendo em uma época em que a influência da recém-descoberta cultura ocidental ameaçava de extinção as formas literárias tradicionais, foi um homem totalmente imbuído de sua missão histórica: preservar e multiplicar

o interesse pela poesia em tercetos de 5-7-5 sílabas e com a imagética tradicional japonesa. Escrevendo, julgando e publicando *haiku* em jornais e revistas, Shiki contribuiu decisivamente para manter vivas e em primeiro plano as características que julgava mais específicas da poesia japonesa – expressão direta, objetiva, por meio de imagens claras, sem abstrações ou sentimentalismo. (FRANCHETTI et al, 1990, p. 28).

O poeta Shiki – um dos grandes mestres do haikai – revitalizou o *haiku* como forma poética.

O haikai no Brasil

Segundo Edson Kenji Iura, os portugueses foram os primeiros europeus a chegar ao Japão, em 1543. O padre João Rodrigues, em 1604, em seu trabalho “Arte da lingua de lapam”, noticiou o haikai ao mundo. Sendo esse registro tão antigo no ocidente. E ainda afirma, que “não há outras ocorrências importantes na história do haikai, até a segunda metade do século XIX.” (IURA, 2000).

O haikai japonês foi a grande novidade traduzida e divulgada nos livros. Um dos principais divulgadores do haikai na Europa foi Paul-Louis Couchoud, que escreveu *Sages et poètes d’Asie*, em 1918.

Os estudos sobre o haikai no Brasil indicam que “um de seus primeiros cultivadores foi Afrânio Peixoto, que o aprendeu de Couchoud e não, como se poderia talvez imaginar, de contato com os imigrantes japoneses.” (FRANCHETTI, 2002, p. 26).

O haikai anunciado por Afrânio Peixoto não se caracterizava por haikai vindo do Japão e sim uma (re)tradução da versão feita para a língua francesa, pois chegou ao Brasil passando primeiramente pela França e despertando nos poetas brasileiros o interesse pela poesia japonesa e pela sua evolução na língua. Os franceses se destacaram pela fortíssima presença da cultura francesa no Brasil, razão pela qual, o francês era a segunda língua da elite brasileira, e através dos livros escritos em francês ou traduzidos para essa língua que os brasileiros se mantinham informados sobre o que ocorria no mundo.

O poeta Afrânio Peixoto, em 1919, no prefácio de seu livro *Trovas Brasileiras*

apresentaria o haikai ao Brasil:

Os japoneses possuem uma forma elementar de arte, mais simples ainda do que a trova: é o haikai, palavra que nós ocidentais não sabemos traduzir senão com ênfase, é o epigrama lírico. São tercetos breves, versos de cinco, sete e cinco pés ao todo dezessete sílabas. Nesses moldes vazam entretanto, emoções, imagens, comparações, suspiros, desejos, Sonhos... de encantos intraduzível. (PEIXOTO, 1919 *apud* PIRES, 1989, p. 60).

Sua primeira publicação em 1928 foi um ensaio intitulado “O haikai japonês ou epigrama lírico – um ensaio de naturalização”, de Afrânio Peixoto, uma coletânea com 52 haicais, em que abordava vários temas, tal como este *haikai* da mostra “arte de resumir”:

O ipê florido
Perdendo todas as folhas
Fez-se uma flor só.

(PEIXOTO. In: PIRES, 1989, p. 60)

Foi com Guilherme de Almeida, em 1936 que o haikai passou a ser conhecido pelo seu prestígio e a qualidade dos seus poemas, que o “abrasileirou” com uma forma que não existia para o haikai: deu-lhe um título e quatro rimas, numa estrutura fixa de rimas, elaborado como se fosse um pequeno soneto parnasiano:

Velhice

Uma folha morta.
Um galho no céu grisalho.
Fecho a minha porta.

(ALMEIDA, 1996, n. p.)

Observe a contagem de sílabas a seguir:

U-ma fo-lha **mor**-ta.
1 2 3 4 5
Um **ga**-lho, no céu gri-**sa**-lho.
1 2 3 4 5 6 7
Fe-cho a mi-nha **por**-ta.
1 2 3 4 5

(ALMEIDA, 1996, n. p.)

Observe a comparação do poeta Guilherme de Almeida ao definir o *haikai*, enquanto metalinguagem: “O que é ele afinal? – O grãozinho de ouro que os lavageiros pacientes descobrem lavando a terra aurífera e deixando escorrer a ganga impura.” (ALMEIDA, 1996).

O haikai

Lava, escorre, agita
a areia. E enfim, na bateia,
fica uma pepita.

(ALMEIDA, 1996, n. p.)

Com esse recurso de rimas, o poeta Guilherme de Almeida conseguiu ampliar a regularidade métrica, marcada pela rima. Até então o haikai era composto em versos brancos. Embora considerado um dos precursores do haikai no Brasil, a obra *Poesia Vária* de Guilherme de Almeida, só aparece publicada em 1947. A seguir, alguns *haicais* extraídos da referida obra:

A insônia

Furo a terra fria.
No fundo, em baixo do mundo,
trabalha-se: é dia.

Infância

Um gosto de amora
comida com sol. A vida
chamava-se “Agora”.

Lembrança

Confete. E um havia

de se ir esconder, e eu vir
a encontrá-lo, um dia.

Romance

E cruzam-se as linhas
no fino tear do destino.
Tuas mãos nas minhas.

(ALMEIDA, 1996, n. p.)

O haikai, no dizer do poeta Delores Pires, não foi transmitido diretamente do Japão ao Brasil, mas, deu-se também, de forma original com os imigrantes japoneses. “Na primeira leva desses imigrantes, Shuhei Uetsuka, poeta que usava o nome haicaístico de Kyokotsu, havia sido o encarregado pelo transporte do vapor Kasato Maru, que atracou no Porto de Santos, em 18 de junho de 1908.” (PIRES, 1989, p. 59).

Momentos antes do desembarque, o poeta Uetsuka, deslumbrado pela paisagem brasileira, no horizonte se deparou com as encostas da Serra do Mar e escreveu:

Karetaki o
Aoguite tsukini
Iminsen.

A nau imigrante
Chegando: vê-se lá no alto
A cascata seca.

(Tradução de Hidekazu Masuda)
(PIRES, 1989, p. 59)

Segundo Edson Kenji Iura (2000), esse foi o primeiro haikai japonês escrito em terras brasileiras. “A partir disso não há outros registros importantes de atividades dos imigrantes no *haikai*”. Em 1927, chegou ao Brasil Nempuku Sato, “um mestre de haikai discípulo do famoso Kyoshi Takahama, com a missão de divulgar o *haikai* no Brasil.” (IURA, 2000). Iura salienta que Nempuku foi o primeiro que pesquisou os *kigos* (palavras de estação) sobre a natureza brasileira, sendo o *kigo* “a alma” do tradicional haikai, ele acabou criando um novo haikai, bem brasileiro e incorporando a diversidade biológica da nossa natureza (IURA, 2000).

O movimento modernista de 1922 também teve seus adeptos do haikai inspirado na vanguarda européia. E o haikai também se encontrou com a poesia de vanguarda no concretismo, dando ênfase na brevidade e a síntese da linguagem. O Movimento Concretista tinha como proposta transformar a palavra, explorando-a ao máximo e aproveitando o espaço branco da folha. O poeta Paulo Leminski foi um dos principais adeptos desse movimento, ele transformou o símbolo verbal em ícone, utilizando muito o efeito visual de decompor graficamente a palavra.

Segundo Paulo César Venturelli, a experiência que Paulo Leminski teve no concretismo, levou-o, a trabalhar com o registro da linguagem verbal em duas tendências: a “poesia espacial”, que trabalha com a página em branco, e a “temporal”, que retrata o cotidiano.

Nas palavras de Venturelli, “Leminski, com seu constante interesse pela pincelada e informação rápidas, pela iluminação instantânea”, acredita-se que o haikai em suas mãos, transforma-se “num recurso ajustado para a elaboração da fusão da tendência espacial e temporal.” (VENTURELLI, 1991, p. 20).

Paulo Franchetti (1994) salienta que a estruturação sintática do haikai brasileiro apresenta duas tendências, quanto à forma de composição: o haikai é uma frase só, ao longo dos três seguimentos métricos, ou é composto por justaposição, como diz Franchetti, um dos termos ocupa um seguimento métrico e o outro ocupa os restantes. A maioria dos poemas compostos por justaposição apresenta dois segmentos, um breve e o outro com o dobro de extensão.

Ainda em consonância com Franchetti, o *haikai* é definido como um breve texto e, sua forma de composição com dois seguimentos – frasais – é marcada pela justaposição, em que um deles consta de uma palavra que identifica uma estação do ano (*kigo*); é o que caracteriza o *haikai* permitindo o seu reconhecimento. O *kigo* representa o aqui e agora, isto é, o momento de uma dada emoção, retratando uma percepção de uma realidade concreta (FRANCHETTI, 1994, p. 210-212).

A poeta Teruko Oda (1994) – com seus estudos realizados junto com os membros do Grêmio *Haikai* Ipê – sintetiza as regras gerais a que a composição de *haicais* deve obedecer: a) - o haikai não é uma poesia japonesa; b) - é uma poesia de origem japonesa; c) - pode ser praticada em qualquer país ou idioma; d) - em sendo praticada fora do país de origem, deve manter as características originais quanto a estrutura e concisão; e) - como fruto de nossa terra, deve ter identidade própria - ter a nossa cara; f) - para ter essa brasilidade, o haikai deve basear-se em

nossa Natureza; g) - como poema em louvor da nossa Natureza, deve expressar o nosso modo de ver e sentir. (ODA, 1994, p. 14).

Sendo assim, os elementos essenciais e perfeitos para a elaboração de um haicai estão presentes na natureza.

O haicai no Paraná

No Paraná ocorreu um movimento denominado “Paranista” (1927 - 1930), liderado por Romário Martins, com base em seus estudos históricos e etnográficos, dando ênfase nas influências do nacionalismo europeu e o papel do indígena.

Segundo Peters, o Movimento Paranista visava resgatar a identidade regional do Estado do Paraná. Fizeram parte desse movimento: intelectuais, literários, artistas que empenharam na divulgação da história e as tradições da terra, “impregnados pela crença no progresso e no desenvolvimento social.” (PETERS, In: REZENDE, 2005, p. 265-266).

Como descreve Romário Martins, o Movimento Paranista foi considerado como uma construção simbólica da identidade paranaense.

Paranista é todo aquele que tem pelo Paraná uma afeição sincera, e que notavelmente demonstra em qualquer manifestação de atividade digna, útil à coletividade paranaense. Esta é uma acepção em que o neologismo, si é que é neologismo, é tido esse nobre movimento de ideias e iniciativas contidas no Programa Central do Centro Paranista. [...] Paranista é aquele que em terras do Paraná lavrou um campo, cadeou uma floresta, lançou uma ponte, construiu uma máquina, dirigiu uma fábrica, compôs uma estrofe, pintou um quadro, esculpiu uma estátua, redigiu uma lei liberal, praticou a bondade, iluminou um cérebro, evitou uma injustiça, educou um sentimento, reformou um perverso, escreveu um livro e plantou uma árvore. (MARTINS, 1946 *apud* PETERS, 2005, p. 265).

Quanto às produções literárias que ocorreram em Curitiba nos fins do século XVIII e início do século XIX, Paulo Leminski declara:

No terreno de texto, Curitiba só produziu um momento interessante, que foi o Simbolismo, período que vai de 1890 a 1910. Curitiba foi, talvez, intelectualmente, a cidade mais importante do país. De quinze revistas simbolistas editadas no Brasil, nove o foram em Curitiba, no início do século. Nessa época produzimos uma concentração de repertório. Uma concentração de pessoas. Houve uma troca de informações da mais alta sofisticação. Essas pessoas produziram algo que pode ser chamado “o milagre curitibano”. Esse milagre, que foi o simbolismo, produziu o maior poeta, na minha opinião, Dario Veloso. (LEMINSKI, 1988, p. 10).

No que diz respeito à história da literatura no Paraná, Marilda Binder Samways salienta que a historiografia paranaense é de poucos autores. Os que deram a sua contribuição foram Octávio de Sá Barreto e Erasmo Pilotto no processo literário. Para Samways (1988), o que estabeleceu o processo histórico da literatura no Paraná foi a revista *Joaquim*, publicada em 1946, tendo como diretores Dalton Trevisan, Antônio Walger e Erasmo Pilloto, a revista divulgava uma visão universalista dos homens e do mundo, traduzia o amadurecimento cultural nacional e já propunha na época uma crítica dos valores vigentes. Para a autora “é difícil imaginar a nova geração de escritores paranaenses desconhecendo o papel histórico de Erasmo Pilotto, Dalton Trevisan, Rodrigo Júnior, Helena Kolody e tantos outros construtores da herança cultural paranaense.” (SAMWAYS, 1988, p. 10).

Alguns haicaístas que se destacam no panorama da literatura de Estado do Paraná: Helena Kolody, Paulo Leminski, Alice Ruiz, Miguel Sanches Neto, Adélia Maria Woellner, José Marins, Sérgio Francisco Pichorim, Delores Pires, e outros.

Haiga

Os poetas mais antigos utilizavam a tinta e o papel para desenhar seus poemas. O haiga é uma arte visual que significa (hai=haicai e ga=pintura).

Segundo Paulo Leminski não se pode falar do haikai sem falar em “hai-ga”: grande número dos melhores haicais dos grandes haikaisistas (“haiku-jin”, em japonês) é apenas a parcela verbal de um “hai-ga” (ou “zen-ga”), misto de desenho e texto-haikai (LEMINSKI, 1983, p. 41).

Além dos recursos visuais (como a métrica, a rima...), ou mesmo com a ausência desses recursos, os efeitos gráficos (visuais) enfatizam ainda mais as

mensagens poéticas. O uso do espaço gráfico de modo espontâneo é um recurso bastante explorado pelos poetas contemporâneos, que não apenas registra verbalmente, mas também “desenham” seus poemas. De modo especial os novos haicaístas estão usando os recursos tecnológicos como a máquina digital e a internet. Sendo que a leitura dos haigas – umas das composições mais curtas – nos leva a uma experiência poética numa nova definição dos haicais no ocidente, no qual sobressai a imagem com a escrita tendo como herança a poesia oriental.

A seguir, um haiga de Yokoi Kinkoku (1761-1832), que apresenta o retrato de Bashô e o seu famoso haicai “Uma velha lagoa”, com a caligrafia com o haicai: Furu ike ya / tobikomu kawazu / mizu no Oto (Uma velha lagoa / salta uma rã em / o som da água).



Figura 1: “Basho by Kinkoku c1820. A portrait of the poet Basho”
[Um retrato do poeta Bashô, por Yokoi Kinkoku (1761-1832).
Fonte: Kinkoku (2011)]

O haiga, abaixo, intitulado “A little cuckoo across a hydrangea” (Haiga), [Um pequeno cuco sobrevoa uma hortênsia], do poeta japonês Yosa Buson (1716 - 1784), mostra o processo criativo do artista ao fazer a junção da pintura com a arte caligráfica e o haikai.



Figura 2: “A little cuckoo across a hydrangea (Haiga) by Yosa Buson.”
Fonte: Buson (2011).

No Paraná, o poeta Rogério Viana – jornalista, fotógrafo, escritor e dramaturgo – apresenta um recurso técnico diferente do tradicional, com uma maneira peculiar de produção de poesia. Uma arte moderna que corresponde uma junção de haikai com imagens (fotografias). Em 2006, Rogério Viana realizou em Curitiba a primeira exposição de Haigas no Brasil “Haijin digital - novos caminhos do haiga”. Foram apresentados vários trabalhos, e cinco premiados em concurso internacional. Seus haigas também têm sido premiados em concursos em sites pela internet e com honrosa premiação pelo WHA Haiga Contest – World Haiku Association. E traduzidas por haijins de outros países como Japão, Canadá, Estados Unidos, Inglaterra, Indonésia, Austrália e outros.

O universo poético de Viana é criativo, inovador e traz uma nova vertente – trabalho inédito – que visa uma composição perfeita da palavra e da imagem. A

construção de seus haigas possui uma linguagem simples, sugerida pela imagem real de suas fotografias, busca nas cenas da natureza um momento único para expressar seu pensamento lírico que estabelece um diálogo que estimula o leitor a uma reflexão sobre o meio em que vive.

O trabalho estético do Haijin-digital Rogério Viana apresenta uma forma de expressão visual e poética num novo panorama paranaense, a junção da foto com o texto deixa transparecer a visão do poeta, e expressa seus sentimentos vitais. Esse novo estilo poético do poeta permite uma leitura de seus poemas concretizados através da imagem que garante um sentido ao texto, tendo como objetivo a representação de um mundo real através da contemplação e serenidade das cenas da natureza.

A seguir, alguns haigas do poeta Rogério Viana:



Figura 3: "Curitiba's sky"
Fonte: Viana (2011)

O trabalho do poeta Rogério Viana com fotografia é uma composição perfeita, mostra a sua arte visual para ser admirada e sua poesia cheia de encanto. A natureza expressando e sugerindo significados ambíguos, levando o leitor a uma

profunda reflexão sobre o espaço físico, vai além do alcance das palavras, isto é, uma consagração do instante carregado de poesia. Revelando de maneira espontânea todo o processo artístico.



Figura 4: "Homeless-Version by Soji"
Fonte: Viana (2011)

A poesia de Rogério Viana tem a presença de um tom literário paranaense contextual e com uma liberdade de linguagem apelativa, trazendo uma elevada emoção e pela reflexão filosófica de uma expressão poética sintética. Nesse jogo discursivo há um percurso estático de sentido, percebem-se os elementos materiais pelo qual o detalhe se torna representativo no conjunto.



Figura 5: "Japan Letters"
Fonte: Viana (2011)

O poeta relata sobre a forma de como surgiu o poema, com seu caráter ideográfico expandido revela que a poesia pode ser pura magia, isto é, com uma sensibilidade poética permitindo a leitura de um outono, tendo a natureza presente neste contexto. O poema apela pela lógica dos símbolos e a sua beleza consiste na harmonia das palavras, abrindo um leque de sugestões que ampliam o campo de significações. O recurso utilizado pelo poeta para explicar o processo de elaboração do haikai caracteriza-se pela função metalinguística, isto é, serve do próprio haikai para a explicação do fazer poético.



Figura 6: “Cervantes-passion”
Fonte: Viana (2011)

O enunciado do haiga é uma intertextualidade que faz alusão ao livro *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. O sujeito lírico revitaliza os sentimentos de sonhos, de lutas presente em cada um de nós “guerreiros”, é a voz poética sugerindo percepções de sonhos reais e irreais, tal comparação é acompanhada com certo tom subjetivismo de um intenso lirismo.



Figura 7: "MesaEpes"
Fonte: Viana (2011)

O haiga apresenta um contraste na imagem e no texto, um ambiente antigo visualmente pela imagem dos tijolos a vista, armação das janelas a mesa e a cadeira. Presença de antítese: antigo e o novo, o novo ganha mais sabor com a presença da cesta de pães novos, frescos, recentes. O poeta é capaz de uma síntese perfeita, baseando-se no jogo de palavras e no seu poder de revelação, pois seu texto convida o leitor à participação do momento. Nesse haicai também se desenha uma situação cotidiana doméstica: o novo ganha mais sabor, um subjetivismo traduzindo um sentimento poético que expressa à realidade baseada na intuição.

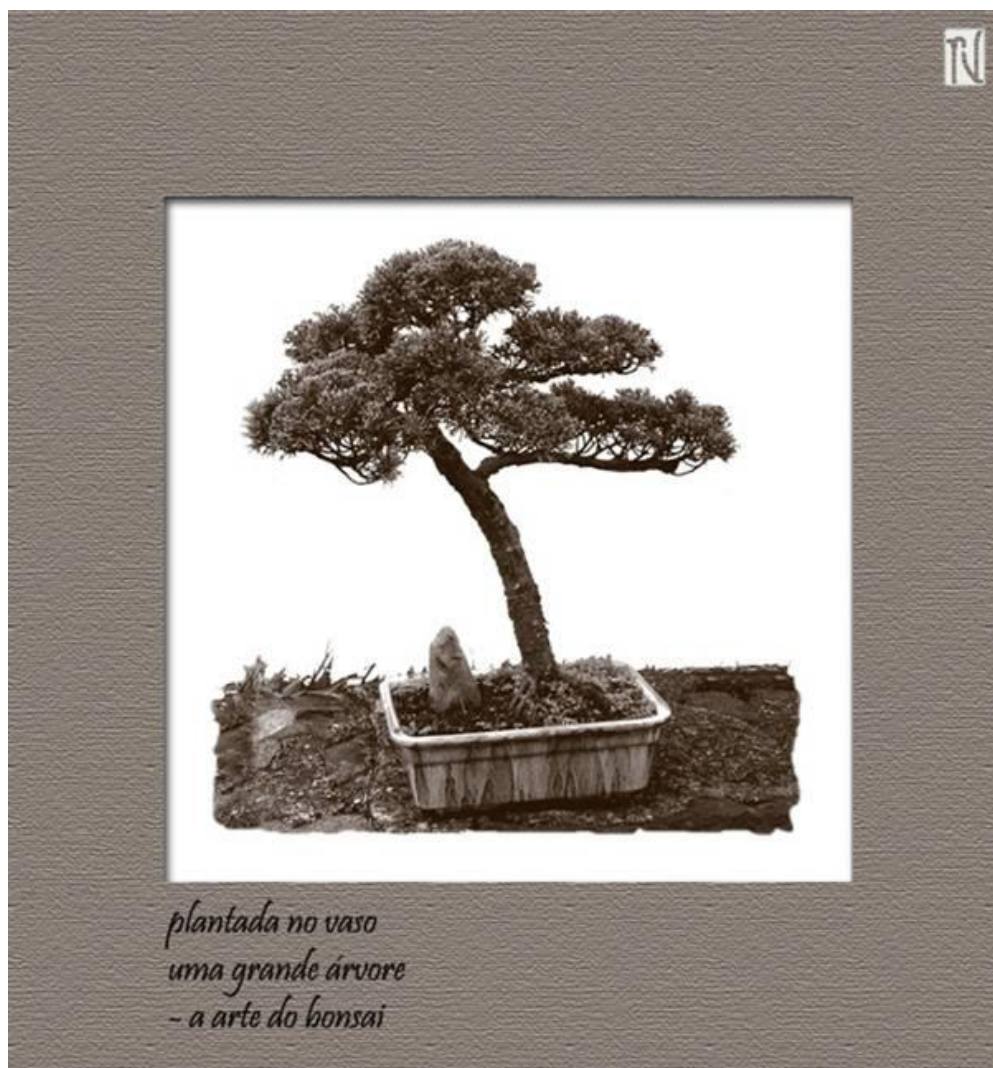


Figura 8: “Zen garden”
Fonte: Viana (2011)

Aborda-se como tema o próprio haikai, no vaso uma grande árvore? Só mesmo um haikai para ser considerado enorme, grande, isto é, jogo de palavras. A relação do haikai com o bonsai, os dois comparados pelo tamanho: são miniaturas. O poeta utiliza um recurso gráfico para expressar visualmente sua idéia, tanto o bonsai como o haikai é de origem oriental.



Japan Square - Curitiba - PR - Brasil

Rogério Viana

*tão longe do Japão
na primavera brasileira
- um pássaro de Bashô*

Figura 9: Basho-bird
Fonte: Viana (2011)

O poeta Rogério Viana capta o instantâneo, com imagens poéticas e fotografia relacionadas ao Brasil-Japão, em que fica evidente o diálogo com a arte e tradição do haikai, mediante a composição do haiga, com seu colorido especial e imagens que lembram o Japão, circunscritos na Praça do Japão, em Curitiba.

Atividades práticas: experiências com os haigas

A finalidade do projeto foi oportunizar ao aluno a ter um contato direto com a poesia. Constitui num estudo teórico-prático sobre o haikai na literatura paranaense, desde a sua origem no Japão, até a produção contemporânea no Brasil e no Paraná, em que abordou os aspectos referentes ao haikai ligados à natureza.

O material da Unidade Didática foi elaborado com algumas atividades de haigas do poeta Rogério Viana, atividades pertinentes ao trabalho com a poesia, buscando-se meios inovadores que subsidiassem a escrita desse artigo. Desse modo, o trabalho esteve centrado no estudo da poesia de haigas de Viana que nos auxiliou nos encaminhamento da pesquisa, pois permitiu aos alunos a oportunidade de conhecimento e pelos quais serviram de inspiração primeira para o nosso trabalho. A produção do livro de haigas – pelos alunos – serviu como “fechamento” dos trabalhos, a partir dessa experiência prática, possibilitou ao aluno que ele é capaz de expressar e de utilizar uma linguagem poética.

Os alunos se mostraram seduzidos pela proposta de trabalho, e conseguiram atingir um patamar muito significativo na arte de fotografar e no seu discurso poético-argumentativo para a elaboração de seus haigas.

Após a implementação desse projeto, pode-se afirmar que todas as atividades sugeridas são aplicáveis em sala de aula, e com todas as possibilidades de alcançarem um excelente resultado, tendo em vista o sucesso alcançado com os alunos do 1º e 2º anos do Ensino Médio, do Colégio Estadual Diamante D'Oeste, no município de Diamante D'Oeste – PR, público-alvo dessa pesquisa.

A metodologia da Proposta de Intervenção Pedagógica na Escola foi dividida em sete momentos, sendo que o trabalho se desenvolveu em ações de atividades das quais enriqueceram a implementação:

1ª ação – Apresentação da proposta aos alunos ressaltando a importância de conhecer e apreciar poesias, especialmente, o haikai. Abordagem sobre poesia e a leitura de alguns haicais para a apreciação. Privilegiei num primeiro momento a leitura-fruição dos poemas, por meios de vários haicais, pois eles nos encantam e possibilitam várias leituras. Houve compreensão, interação e construção de significados. Foi visível o interesse e o gosto pela leitura dos haicais. De acordo com

as *Diretrizes Curriculares*, “o trabalho com a Literatura potencializa uma prática diferenciada com o Conteúdo Estruturante da Língua Portuguesa (o Discurso como prática social) e constitui forte influxo capaz de aprimorar o pensamento trazendo sabor ao saber.” (PARANÁ, 2008, p. 77).

2ª ação – Estudo sobre a origem do haikai. Foi relevante essa atividade para os alunos adquirir o conhecimento. Através de textos (apostilas) elaborados para o projeto, eles fizeram um estudo sobre o haikai - poema de origem japonesa, constituído de três versos, tradicionalmente composto por cinco, sete e cinco sílabas, derivado do *renga*: série de poemas encadeados ou variação do *tanka*, poema nipônico de trinta e uma sílabas –, O estudo consistiu em informações culturais sobre o Japão, sobre a arte oriental, bem como sobre poetas japoneses como Bashô, que viveu no século XVII e que influenciou poetas do ocidente, isto é, desde a sua origem até a produção contemporânea no Brasil e no Paraná.

3ª ação – Apresentação dos poetas paranaenses com seus haicais, através de explanação, pesquisas, visita a sites. Foi uma atividade realizada em grupo, os alunos fizeram a apresentação dos poetas paranaenses para os colegas da sala, e chegaram à seguinte conclusão: Na lírica paranaense há um número muito significativo de poetas que utilizaram uma forma especial de expressar seus sentimento e emoções, que foi através do haikai. Alguns poetas paranaenses – haicaístas – que se destacaram no panorama da literatura do Estado: Helena Kolody, Paulo Leminski, Alice Ruiz, Delores Pires, José Marins, Miguel Sanches Neto, Sérgio Francisco Pichorim, Adélia Maria Woellner, Rogério Viana (Em especial, pela minha descoberta dos haigas deste poeta *haijin*. E, registro aqui, meus agradecimentos ao poeta Rogério Viana pelo *Termo de Cessão* dos direitos autorais dos haigas).

4ª ação – Leitura, compreensão e análise de haicais e haigas (ilustrações e desenhos de haicais). Esta dinâmica desencadeou a curiosidade e estímulo pela leitura de haigas. Constatou-se por meio desta atividade, que o aluno sente gosto e prazer pela leitura e compreensão quando esta possibilita a ele interagir, no sentido de familiarizá-lo com a poesia, o conteúdo precisa ser abordado de modo prazeroso ao ler, ouvir, produzir e ilustrar haicais. É importante que a escola procure desenvolver formas ativas de lazer, aquelas que tornam o educando mais criativo, crítico, consciente e produtivo, esse realmente é o papel relevante da literatura.

5ª ação – Atividade interessante! Passeio em contato com a natureza,

passeio realizado pelos alunos: visita à Itaipu, Parque das Aves e nas Cataratas do Iguaçu, em Foz do Iguaçu. Onde os alunos registraram momentos fotografando a natureza para criar os haigas: arte contemporânea que corresponde a uma junção de haikai com imagens (fotografias). O haikai tem como tema principal a natureza e uma síntese poética surpreendente, além da capacidade de captar o máximo no mínimo. Nesse sentido, Alice Ruiz salienta que, “o hai-kai, uma forma tradicional do Oriente, que começou mais ou menos no século VII na corte e que depois foi difundida efetivamente no século XVI [...] só chegou ao Ocidente no século XVIII e, só no século XX, chegou ao Brasil.” (1993, p. 90). Ruiz observa que essa forma tão antiga que vem do passado tem uma relevância e um grande futuro entre nós, porque é rápida, ágil, dinâmica, ou seja, “ela é como nós estamos, cada vez mais, necessitando de que as coisas sejam. Até por ingerência do cotidiano, do dia-a-dia, enfim, da nossa maneira de ser.” (RUIZ, 1993, p, 90). Essa urgência do tempo, a problematização dos temas do haikai relacionados ao *Kigo* (estações do ano) e aos elementos da natureza, também se insere em uma discussão cada vez mais intensa sobre os problemas ambientais, as variações climáticas e do enfoque centrado no tema da orientalização na poesia brasileira.

6ª ação – Atividades práticas da realização da **Oficina** com a produção de haigas no laboratório de informática, tendo como desafio a importância lúdica com a linguagem e a imagem (fotografia), para exercitar a observação e desenvolver a sensibilidade poética. Atividades que os alunos demonstraram muito interesse, e quando estimulados, surpreendem e são capazes de produzir haigas com criatividade e satisfação.

7ª ação – Exposição dos haigas produzidos pelos alunos – lançamento do livro intitulado *Haigas* – com a noite de autógrafos numa confraternização (chá literário), com pratos da culinária japonesa e danças com roupas típicas: a dança das sombrinhas, dos leques e das cerejeiras. O chá literário teve a participação de todos os alunos, que apresentaram aos pais – *slides* no projetor multimídia – sobre a origem do haikai, os poetas paranaenses estudados e sua própria produção de haigas, do livro que elaboraram.

Cumprido destacar que a elaboração do livro impresso – *Haigas* (2010) – foi produzido pelos alunos, com minha organização, e apresenta-se a junção de haicais elaborados pelos alunos e fotografias que eles mesmos tiraram quando realizou-se o passeio acima mencionado. A impressão do livro teve o apoio da comunidade

(comércio local). Note-se a capa do livro:

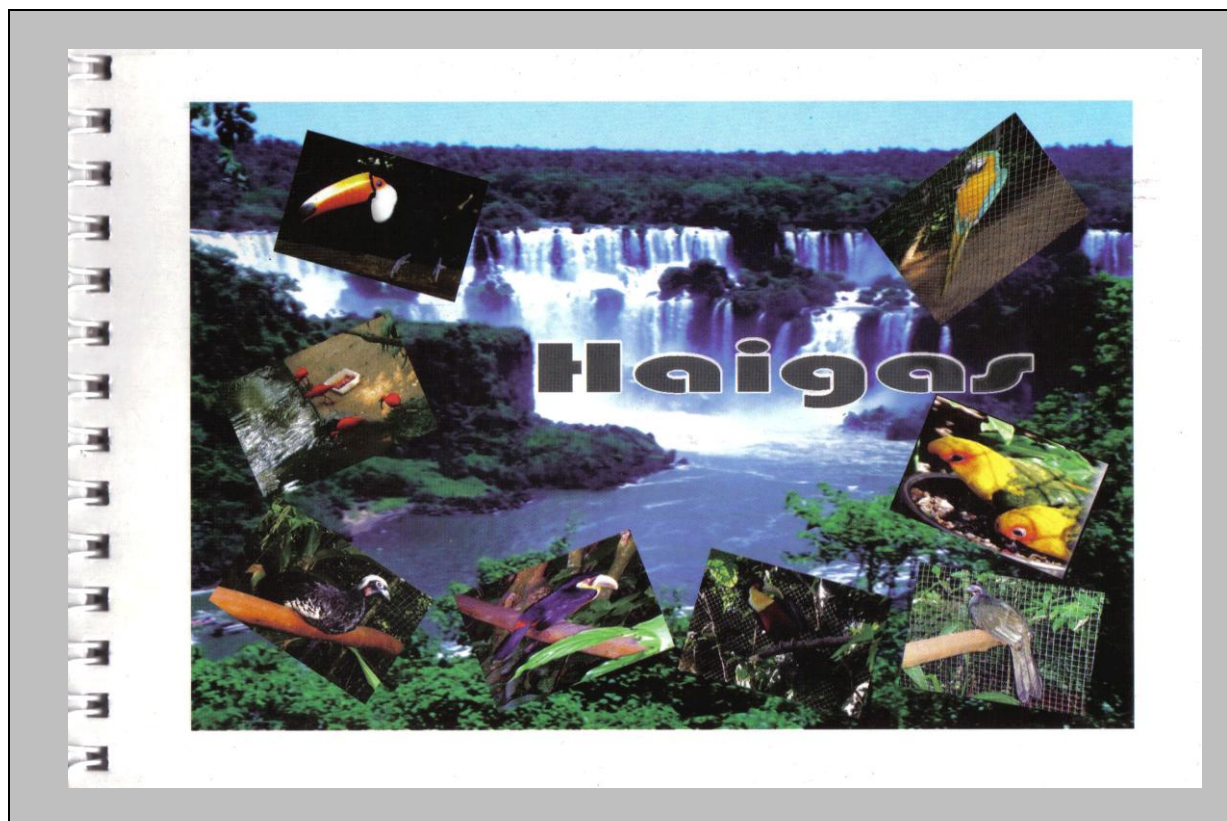


Figura 10: *Haigas* (Org. de Aparecida Fátima da Cruz)
Fonte: Cruz, A. F. (2010)

Assim, a obra *Haigas* foi um dos resultados das atividades desenvolvidas a partir do Projeto de Intervenção Pedagógica sobre tradição e inovação do haikai no Paraná, tendo em vista o tema da poesia e da natureza.

Considerações finais

Objetivou-se compartilhar com os leitores a experiência com a elaboração de haigas desenvolvida com os alunos do Ensino Médio da rede Estadual. Espero que minhas considerações possam de alguma forma subsidiar o trabalho dos professores, e servir para enriquecer o estudo sobre a poesia do haikai, ou seja, no que se refere à leitura e fruição de haicais. A vantagem do estudo do haikai ajuda no

processo de aprendizagem porque contempla por uma construção textual simples, provocando uma reflexão nos seus apreciadores: como intuição, meditação, autoconhecimento, comunicação e o gosto estético. Enfatiza-se a importância da poesia e visa-se despertar o interesse do aluno não só pela parte teórica (pesquisa), como também na prática (produção de haigas, utilizando a técnica da fotografia). Além de contribuir para a formação de um leitor consciente, tem o compromisso com a divulgação de obras literárias de autores paranaenses.

Trabalhar com haikai em sala de aula é gratificante, pois o contato do aluno com o texto poético pode ser o ponto de partida para a leitura e à fruição de poemas, ou seja, a construção de um mundo imaginário. Para finalizar o trabalho, em relação à produção poética dos alunos, vale ressaltar as palavras do poeta Antonio Donizeti da Cruz, “O educando precisa ser motivado a expor suas emoções e sentimentos através de recursos expressivos da linguagem poética, para que ele ensaie seus próprios passos no universo da poesia.” (CRUZ, A. F, 2010). Os alunos estão cada vez mais receptivos a este maravilhoso estilo poético, sendo que o haikai é um flash do momento presente, em que a brevidade leva os alunos a expressarem o máximo, isto é, escrevendo o mínimo, buscando na natureza um momento único para acomodar em poucas linhas os sentimentos do momento presente. Os resultados dos trabalhos com os alunos superaram as expectativas.

Referências

ALMEIDA, Guilherme. **Haicais completos**. São Paulo: Aliança Cultural Brasil – Japão, 1996.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BUSON, Yosa. A little cuckoo across a hydrangea (haiga) by Yosa Buson. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:A_little_cuckoo_across_a_hydrangea%28Haiga%29_by_Yosa_Buson.jpg>. Acesso em: 14 maio 2011.

CRUZ, Aparecida Fátima (Org.); et. al. **Haigas**. Diamante D'Oeste: Edição dos autores, 2010.

DOLEZEL, Lubomir. **A poética ocidental: tradição e inovação**. Lisboa: Cal. Gulbenkian, 1990.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura ocidental**: autores e obras fundamentais. São Paulo: Ática, 1990.

FRANCHETTI, Paulo (Org.); DOI, Elza Taeko; DANTAS, Luiz. **Haikai**: antologia e história. Campinas, UNICAMP, 1990.

FRANCHETTI, Paulo. **Revista de Letras**, Universidade Estadual Paulista. São Paulo: v. 34 -1994.

_____. **Poética do Japão**: poesia sempre. Rio de Janeiro, 2002.

IURA, Edson Kenji. O haikai brasileiro. Palestra proferida em 21/10/2000. Disponível em: <<http://www.sumauma.net/gremio/palestra-edson.html>>. Acesso em: 22 abr. 2010.

KINKOKU, Yokoi [1761-1832]. Basho by Kinkoku c1820. A portrait of the poet Basho. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Basho_by_Kinkoku_c1820.jpg>. Acesso em: 14 maio 2011.

PAULO Leminski. Curitiba: Scientia et Labor, 1988. (Série paranaenses, n. 2).

LEMINSKI, Paulo. **Matsuó Bashô**: a lágrima do peixe. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes curriculares da educação básica do Estado do Paraná - Língua Portuguesa**. Curitiba, 2008.

PIRES, Delores. **O universo do haikai**. Curitiba: Dissertação (Mestrado em Letras) - PUC-PR, 1984.

_____. **Anais – XXIII Colóquio de Estudos luso-brasileiros**. Tóquio, 1989.

MARSICANO, Alberto. A Trilha Errante do Haikai. In: BASHÔ. **Trilha Estreita ao Confim**. São Paulo; Iluminuras, 1997.

ODA, Teruko. **Relógio do Sol**. São Paulo: Aliança Cultural Brasil – Japão, 1994.

PAZ, Octavio. A tradição do haiku. In:____. **Convergências**: ensaios sobre arte e literatura. Trad. Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

_____. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PIMENTEL, Luís Antonio. **Poética do Japão**: Poesia sempre. Rio de Janeiro, 2002.

PETERS, Ana Paula. O Movimento Paranista. In: _____. RESENDE, Cláudio Joaquim; TRICHES, Rita Inocência (Org.); et al. **Paraná espaço e memória**: diversos olhares histórico-geográfico. Curitiba: Bagozzi, 2005.

RESENDE, Cláudio Joaquim; TRICHES, Rita Inocência (Org.); et al. **Paraná espaço e memória**: diversos olhares histórico-geográfico. Curitiba: Bagozzi, 2005.

RUIZ, Alice. A orientalização da poesia brasileira. In: **VI jornada nacional de literatura**. Passo Fundo: UFP, 1993, p.89-91.

SAMWAYS, Marilda Binder. **Introdução à Literatura Paranaense**. Curitiba: HDV, 1988.

SVANASCINI, Osvaldo. **Três Mestres do Haikai: Bashô - Buson - Issa**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1974.

VENTURELLI, Paulo César. **FRAGMENTA**, n. 8, UFPR, Curso de Pós-graduação em Letras, 1991. Curitiba, 1991.

VIANA, Rogério. **Haijin digital** – Os novos caminhos do Haiga. Curitiba, 2006.

_____. Basho-bird. Disponível em:
<<http://m27.photobucket.com/albumview/albums/RogérioViana/Photo-haiku/Basho-bird01.jpg.html>>. Acesso em: 14 maio 2011.

_____. Bonsai-art. Disponível em:
< <http://m27.photobucket.com/albumview/albums/RogérioViana/Photo-haiku/Bonsai01.jpg.html> >. Acesso em: 14 maio 2011.

_____. Cervantes-passion. Disponível em:
<<http://m27.photobucket.com/albumview/albums/RogérioViana/Photo-haiku/letrasdoJapo02-100.jpg.html?>>>. Acesso em: 14 jul. 2011.

_____. Curitiba's sky. Disponível em:
<<http://m27.photobucket.com/albumview/albums/RogérioViana/Photo-haiku/Sky-Curitiba.jpg.html?>>>. Acesso em: 14 jul. 2011.

_____. Homeless-Version by Soji. Disponível em:
<<http://m27.photobucket.com/albumview/albums/RogérioViana/Photo-haiku/homeless-Soji-RV.jpg.html?>>>. Acesso em: 14 jul. 2011.

_____. Japan Letters. Disponível em:
<<http://m27.photobucket.com/albumview/albums/RogérioViana/Photo-haiku/letrasdoJapo02-100.jpg.html?>>>. Acesso em: 14 jul. 2011.

_____. MesaEpes. Disponível em:
< <http://m27.photobucket.com/albumview/albums/RogérioViana/Photo-haiku/MesaEpes-02-100.jpg.html?>>>. Acesso em: 14 maio 2011.

_____. Zen garden. Disponível em:
<<http://m27.photobucket.com/albumview/albums/RogérioViana/Photo-haiku/JardimZen-mestre-RosaERV-100.jpg.html>>. Acesso em: 14 maio 2011.

VIEIRA, Primo. Influência da poesia oriental na literatura luso-brasileira: *O HAI-KAI*. **Revista ICALP**, vols. 16 e 17, Jun.-Set. 1989, p. 79-119.